

Sliver

1.

Joe Eszterhas escreve argumentos para Cinema, sendo o melhor pago de todos os argumentistas americanos, tendo supostamente facturado 3 milhões de dólares com «Basic Instinct». É também uma pessoa que se vê envolvida em (abençoada) polémica, com alguma regularidade. *Hollywood* terá ainda bem presente a sua disputa com Michael Ovitz da *Creative Artists Agency*, quando se questionou o excesso de poder das agências na carreira de certos actores.

Depois de Michael Crichton em «Basic Instinct», chegou a vez de Ira Levin ser adaptada por Joe Eszterhas, desta feita sem preocupações de fidelidade ao livro, cujo final escreve outro assassino..., iniciando-se aqui o *rol* de queixas de quem não gostou de «Sliver».

Para lá da adaptação infiel, muito se comentou o imenso dinheiro absolutamente desperdiçado com uma equipa encarregue de filmar uma sequência no Hawaii, no vulcão Kilauea. Esta dispendiosa sequência acabou por ser rejeitada pelos espectadores cobiça, talvez sem grande fundamento, na medida em que o personagem (masculino) principal é um apaixonado por vulcões. Para além do mais, o final definitivo é relativamente desvitaminado... uns fuminhos e umas brasas magmáticas não ficariam mal.

E depois ainda há aquelas aparições de Tom Berenger na casita da menina Stone, sem que alguma vez se compreenda se o senhor tem uma chave, ou se a porta tem defeito.

O australiano Phillip Noyce é o realizador, com credenciais dentro do prazo, acabadinho de sair de «Patriot Games», com Harrison Ford.

2.

«Sliver» é o nome de um prédio esguio situado no «upper east side» de Manhattan, um daqueles sítios onde o preço do metro quadrado assusta a valer. Sharon Stone interpreta Carly Norris, uma solteira atraente, responsável editorial da companhia que publica o seu vizinho Jack Lansford (Tom Berenger). Jack é um *flirter* e Norris uma mulher sem vida sexual, que se masturba no banho para a câmara (super discreta) de Zeke Hawkins (William Baldwin), o tal que aprecia vulcões, que programa jogos de computador, que é imensamente milionário, que até é o proprietário de «Sliver» (informação a que muito poucos têm acesso), e que tem este estranho passatempo de espiolar o apartamento dos seus inquilinos, socorrendo-se de um aparatoso sistema de vigilância camuflada, centralizado e comandado a partir de uma sala decorada a televisores e *touch-screens*.

Fica bem escrever que Zeke Hawkins é um *tech-voyeur*. O maior dos *tech-voyeurs*!

Voyeurismo não é uma nenhuma tara, nem sequer algo de estritamente conotável com a sexualidade de cada um. Em termos muitos relaxados, *voyeurismo* poderá ser algo tão inocente como sentir curiosidade pela conversa de duas pessoas, enquanto se aguarda a vez no consultório de Dentista, embora na origem a palavra implique busca de estímulos visuais. O *Voyeurismo* é um fenómeno crescente e curiosíssimo, que tende a registar-se mais frequentemente nas sociedades mais evoluídas, precisamente aquelas onde o acesso à informação visual é muito fácil. Tem a ver com a banalização dos efeitos especiais, com a indiferença a imagens, com a assumpção de que tudo é efeitos especiais e de que o erotismo e a pornografia filmados são actividades profissionais (logo destituídas de inocência). *Voyeurismo* é a busca do íntimo alheio. No seu emprego mais usual, o termo especializa-se em «busca visual sexual», mas no Japão a cultura é outra e vem-se registando a materialização da actividade *voyeur* (visual sexual) através de objectos concretos. Por exemplo, é suposto uma adolescente nipónica não levar a mal uma oferta de compra da respectiva roupa interior, conforme puderam comprovar alguns turistas ocidentais que se deslocaram ao GP de Suzuka em F1... Esta última forma de voyeurismo não está ainda muito academizada na Psicologia ocidental, mas traduções livres apontam para o termo *stereo-voyeurismo* (stereo significa sólido / material).

Mas retome-se William Baldwin e esqueça-se esse seu *hobby*...

«Sliver», o imóvel, tem a alcunha de «Horror High Rise». Do 20º andar onde Sharon Stone se hospeda, saltou ou foi empurrada uma rapariga com a qual Carly Norris é extremamente parecida. Disso mesmo a informam Gus Hale (Keene Curtis) e Vida (Polly Walker), pouco antes de falecerem em circunstâncias estranhas ou violentas, respectivamente.

Em paralelo com as mortes, Carly é disputada por Zeke e Jack, os personagens que aos olhos do espectador vão aparecendo enquanto prováveis assassinos. Zeke leva a vantagem, ou não fosse o feliz proprietário de uns lençóis de flanela negros. Jack escreve e vende bem, mas aponta o automóvel demasiado cedo às curvas, que lhe fogem...

(aparentemente) irritado com a ineficácia dos seus movimentos sedutores, Tom Berenger alerta Sharon Stone para a personalidade doentia de Baldwin, que só a imenso custo a polícia identifica como legítimo proprietário de «Sliver». Ainda assim, para Carly a notícia não constitui surpresa, tal o extremo a que chegou a sua intimidade com o homem dos vulcões. E dos computadores. E dos televisores.

O filme vai desfilando o dia-a-dia de Carly Norris, repartida entre intrigas assinadas pela vizinhança, os lençóis do senhorio e a omnipresença indesejada do *best-seller* (que ela não lê) Jack Lansford. E um belo dia tudo ela descobrirá.

3.

«Sliver» é um bom filme! Que interessa que a equipa de produção tenha esbanjado dólares a filmar um vulcão que ninguém viu, ou que o livro de Ira Levin não tenha sido rigorosamente adaptado, ou ainda que ocorram duas ou três situações pouco coerentes com as reacções das personagens?!- Não (me) interessa muito.

No seu todo, «Sliver» merece atenção pela estética e pela higiene permanente. Das ruas por onde Carly Norris se passeia, aos seus lábios depois de intensa actividade osculativa, não há o mínimo vestígio de sujidade, poeira, gordura ou saliva; o soalho do apartamento é de um brilho inatacável; William Baldwin faz a barba com uma perfeição tal, que alguns o tomam por imberbe ou apenas *twentyager*; e as alcatifas e os sofás resistem a uma festa, como se ninguém neles se tivesse sentado.

O apartamento de Zeke Hawkins, para lá da «sala das máquinas» (oculta) e dos lençóis negros, acolhe um pequeno vulcão, um poderoso computador pessoal e... uma porta que dá para o elevador. Enfim, tudo está estilizado para conformidade com uma certa fixação na tecnologia: *tech-décor*, *tech-sex* e *tech-voyeurism*. E assim o filme fica absolutamente dependente do trabalho de actores e do poder do argumento, preconcebidos como provavelmente sofríveis... sem que afinal se revelem assim tão insuficientes: o desempenho dos actores está a bom nível, com a eventual excepção de Baldwin, caracterizado tão *cool* que lembra o *joker* de «Batman» sem cores garridas; e o *script*, mesmo que desrespeitador do livro, está muito adequado, segurando a ansiedade ou «suspense» dos espectadores em regime de permanência, ao extremo de ser absolutamente impossível alguém identificar o assassino por dedução lógica, sem que todavia a abstinência de dados tenha implicado momentos de menor intensidade.

«Sliver» é um filme que entretém, mas que não deslumbra em capítulo algum. Vê-se com agrado, mas dificilmente se tornará um «filme Top», nalguma lista de preferências. O som e a imagem da edição LaserDisc são irrepreensíveis, o que corrobora em absoluto as pretensões tecnológicas da fita. Não é legítimo esperar-se uma história tremendamente envolvente, uma espectacularidade de eleição ou um humor extra-refinado, mas é garantido um produto acima da média, com algum valor de colecção, na medida em que resiste bastante bem às revisitas. Eu que o escreva.

4.

«Sliver», EUA, 1993, 109 minutos, côr, edição *widescreen*.

Excerto da ficha técnica (actor / personagem):

Sharon Stone / Carly Norris
William Baldwin / Zeke Hawkins
Tom Berenger / Jack Lansford
Polly Walker / Vida
Colleen Camp / Judy
Amanda Foreman / Samantha
Martin Landau / Alex

Realização: Phillip Noyce

The Shawshank Redemption

1.

Tim Robbins, licenciado em Teatro pela NYU (New York University) é o brilhante contabilista-presidiário-inocente de «The Shawshank Redemption», indiscutivelmente o mais belo e magnífico «filme prisão» a que alguma vez pude assistir, incluindo «The Great Escape» (1963) e «Papillon» (1973), o que é imensamente significativo!

Tim Robbins é daqueles actores que quase garantem a qualidade dum filme, principalmente depois de se sujeitar à «escola Robert Altman» com duas presenças esplendorosas e consecutivas em «The Player» e «Shortcuts». A inteligência de Robbins é inquestionável, assim como a sua habilidade gestora, não tanto no sentido contabilístico, mas mais no contexto dos recursos humanos, uma vez que logo após os anos da universidade, o «prisioneiro» Andy Dufresne fez o descomunal favor de (co)fundar o grupo de Teatro Experimental «The Actors Gang», de onde têm saído alguns talentos com tendências polivalentes, libertos de condicionamentos, capazes de actuar de *Performance* pura (ver por exemplo o trabalho «Performance» dos Pet Shop Boys) a interpretações cinéfilas.

Morgan Freeman é o outro papelão de «The Shawshank Redemption», desempenhando o papel de Red, «the man who can get you things», ou seja um dos presidiários capazes de fazer entrar mercadoria em Shawshank, de cigarros a pósters, tudo pelo seu preço + comi\$\$\$ão.

Morgan Freeman é tão versátil quanto Tim Robbins, tendo sido durante muitos anos conhecido como o «Easy Reader» do programa infantil «The Electric Company», exibido pela estação de TV americana PBS, de 1971 a 1976. Antes de «The Shawshank Redemption», Freeman já tinha experimentado o género «filme prisão» com «Brubaker» (1980), onde todavia o argumento é bastante diferente, a não ser no facto de reportar graves situações de corrupção.

E se em «Brubaker» o líder dos prisioneiros acaba por ser o condenado Robert Redford, em Shawshank há o director Norton (Bob Gunton), homem de aparência inatacável, extremamente (pseudo) religioso e severo, muito anti-reformista...

Outro actor com experiência de papel é Clancy Brown, o (violentíssimo) braço direito do director Norton. Clancy Brown praticamente que só fez de polícia (bom & mau) até hoje, sendo o seu registo mais conhecido «Blue Steel», com Jamie Lee Curtis (da fabulosa Kathryn Bigelow).

2.

Andy Dufresne é um brilhante contabilista, cuja vida amorosa está de rastos, agora que tem certeza da infidelidade de sua mulher. Um noite embebeda-se, segue a esposa e o amante, saca de uma pistola que transportava no porta-luvas do automóvel, apea-se e só o voltamos a ver em tribunal, acusado da morte cruel de ambos os apaixonados - uma morte tão cruel que a arma foi despejada, recarregada e novamente disparada, em absoluta disparidade com os «crimes passionais convencionais», «sem traço daquele sadismo», nas palavras do Juiz.

Shawshank & prisão perpétua são as únicas certezas de futuro para Andy Dufresne.

Aquando da chegada do autocarro com os caloiros, os veteranos de Shawshank puderam avaliar os novos colegas, fazendo apostas relativamente a qual cederia primeiro ao horror da primeira noite. Red (Morgan Freeman) aposta na aparência frágil de Dufresne.

E quando um dos condenados desatou em pranto, afirmando que ali não pertencia, Red sabia que acabara de perder alguns maços de cigarro... pouca coisa, quando comparada com a vida do pobre obeso, espancado até à morte por Hadley, depois de se ter mostrado incapaz de conter o choro, às ordens do capitão. Andy não fez um único som a noite toda.

Mas a brutalidade policial não seria o único problema do ex-contabilista. Em Shawshank o grupo dos sodomitas «tinha-o marcado». «Não eram homossexuais, porque primeiro precisariam de ser humanos», explicava Red, mas Andy sabia-o como ninguém, depois vários espancamentos por se recusar a favores sexuais com o grupo.

O jeito silencioso, nunca queixoso e sempre calmo de Andy Dufresne, fê-lo cair na simpatia de Red, a quem encomendou um «martelinho». Foi a sua primeira encomenda, pelo que escutou as regras: «em caso de interceptação da mercadoria, desconhece-lhe a origem, e caso denuncie a fonte jamais obterá bens de qualquer infiltrador». Mais: o mesmo se aplicaria caso agredisse alguém com a encomenda.

Para «the man who can get you things», um «martelinho» era a pior compra que alguém poderia fazer em Shawshank. «Seriam precisos 600 anos» para escavar um túnel de fuga com tal objecto (sensivelmente do tamanho de um livro de bolso)... embora o seu propósito se provasse rapidamente outro: escultura de calhaus.

Tudo mudou na semana em que o grupo de Dufresne & Red foi destacado para alcatroar o telhado de um dos edifícios prisionais. Andy escutou Hadley lamentando-se de uma herança de 100.000 dólares, da qual provavelmente só conseguiria reter uma ninharia, após actuação do sistema fiscal. O ex-contabilista interrompeu a labuta, dirigiu-se ao terrível capitão e perguntou-lhe se este confiava na respectiva esposa!! Todos lhe adivinharam a morte (por queda... accidental), mas no preciso momento em que Hadley o remetia para o fim,

Andy falou «que a lei lhe permitia uma vez na vida doar qualquer quantia à esposa, livre de impostos!». E assim se reiniciou a actividade contabilística do outrora bancário.

Em apenas dois anos, Andy Dufresne passou a preencher a declaração de impostos de todos os guardas prisionais de Shawshank e outros estabelecimentos, providenciando ainda qualquer modalidade de aconselhamento fiscal! O volume de trabalho cresceu ao extremo de se tornar o contabilista do director Norton e de ter direito a um escritório, auxiliado pelos prisioneiros de sua confiança!

Ao longo da sua carreira de condenado, Andy Dufresne reuniu verbas para uma biblioteca, provou-se inocente aos colegas de Shawshank, viu morrer assassinada a prova da sua inocência, e viveu meses na «solitária» por se servir do equipamento de difusão áudio do complexo, para dar a ouvir ópera durante escassos minutos a todos os reclusos. Red diria a propósito daqueles momentos de ópera que «não entendia nada do que cantava a senhora, mas as suas palavras eram a coisa mais bela e livre que jamais experimentara». E, de facto, esta sequência do filme é muito eficaz para a lágrima...

Os anos foram passando (às dezenas), e Andy vinha tornando Norton num milionário, «lavando» o dinheiro proveniente da corrupção nos supostos serviços comunitários e outras verbas. Ao longo desse tempo, a cela de Dufresne foi-se decorando com pósters gigantes da inesquecível Rita Hayworth e de peças de jogo de Xadrez, esculpadas na rocha mole que se podia recolher do pátio terroso de Shawshank.

E um dia, quando amanheceu e todas as celas se abriram (electromecanicamente), Andy Dufresne não cumpriu a rotina dos últimos ? milhares de dias, ignorando o «RING» do complexo e (mais grave) as ameaças dos guardas. Que descomunal surpresa que toda a gente tem nesta ocasião do filme!!

Obviamente que mais não se adianta. Apenas se garante que a surpresa é dantesca a extremo raras vezes visto. Espero que nunca tenha lido ou ouvido do que se trata, a bem do seu gozo pessoal.

3.

«The Shawshank Redemption» é um filme soberbo, absolutamente indispensável, de grande valor de colecção, com um som & imagem excelentes, na tal escala absoluta.

Argumento, actores, fotografia, realização, reconstituição histórica, ambiente, atenção aos detalhes... tudo o que se queira avaliar, está perfeito! Realmente muito profissional, mas transparente, com aquela envolvimento que no fim parece que se esteve a ler um livro lindamente escrito!

Recomendadíssimo!!

4.

«The Shawshank Redemption», EUA, 1995, 142 minutos, côr, edição *widescreen*.

Excerto da ficha técnica (actor / personagem):

Tim Robbins / Andy Dufresne

Morgan Freeman / Red

Bob Gunton / Director Norton

Clancy Brown / Capitão Hadley

Realização: Frank Darabont

Body Bags

1.

John Carpenter é definitivamente dos nomes que mais aprecio ler na ficha técnica de qualquer filme! Este americano de Bowling Green (EUA, estado de Kentucky) é daqueles senhores verdadeiramente polivalentes, capazes de se transcenderem da etapa de realização, responsabilizando-se também pelo guião, efeitos especiais, fotografia e música.

Sem outras pretensões que não a orquestragem electrónica «suspense» dos seus filmes, Carpenter compõe temas «ambiente» que Brian Eno não se importaria de apadrinhar nalguma das suas abundantes selecções, género «Música para noites escuras e tempestuosas». Quanto aos «scripts», a muitos ocorrerá de imediato Stephen King e as suas histórias Maine-ocêntricas, a quem aliás Carpenter - em certo sentido - já prestou homenagem em «In the Mouth of Madness / A Bíblia de Satanás»... Quanto à fotografia e aos efeitos especiais, a memória colectiva do Cinema regista-os enquanto exemplos extremos de eficácia, relativamente a orçamentos quase sempre modestos. De facto, não é sequer muito rigoroso falar em «efeitos especiais», quando o que (quase sempre) há, é o recurso a luzes, sombras, ferro velho e *ketchup*.

«Big Trouble in Little China» é o filme de Carpenter que não lembra Carpenter. É um filme que contradiz quase tudo o que está escrito nos parágrafos anteriores: orçamento imodesto, efeitos especiais eléctricos e argumento «exótico». O resultado conjunto é decepcionante - acontece aos melhores.

Para John Carpenter tudo começou um belo dia, depois de assistir aos incontornáveis «It Came From Outer Space» (do conto de Ray Bradbury) e «Forbidden Planet», filmes de 1953 e 1956, respectivamente. Considerando que Carpenter nasceu em 1948, é evidente a tremenda influência que estas películas exerceram na sua personalidade, até que de criança pasmada, a criatura saltou para estudante universitário de Cinema.

Uma vez licenciado, Carpenter colecionou uns galardões pelas suas curtas metragens, imediatamente antes de «Dark Star», onde até fez estrear Dan O'Bannon, seu colega de curso.

Daqui para a frente, a história é bastante conhecida. Depois de alegadamente ter sido raptado por um UFO representante dos alienígenas chefiados pela entidade Krill, Carpenter explode de criatividade e realiza «Assault on Precinct 13 / Assalto à 13ª esquadra», «Halloween» e «The Fog», estes últimos bastante sobrenaturais, eventualmente em rescaldo do contacto... Já agora, é quase óbvio que estive a brincar relativamente ao factor extraterreno.

(Sem comédia), é evidente que existe um movimento de culto relativamente a John Carpenter. É complicado falar nos seus «melhores filmes» ou mesmo nos seus «filmes mais conhecidos». «Assault on Precinct 13» (1976), «The Fog» (1980) e «Escape from New York» (1981) serão na opinião de muitos, o manifestar extremo da arte do rapaz da universidade de Kentucky. Mas para outros, nos quais me incluo, as suas realizações mais inesquecíveis são algo menos académicas, algo mais relacionadas com um «script» poderoso e dão pelos nomes de «The Thing» (1982), «Christine» (1983), «Starman» (1984), «They Live» (1988) e «Memoirs of an Invisible Man» (1992). Nesta «minha selecção», o título mais polémico, pelo que tive oportunidade de ler na altura do seu lançamento, é claramente «They Live» - um relato da ocupação do planeta Terra por uma espécie inteligente de outro mundo, recorrendo a um processo de lavagem cerebral através de mensagens ocultas, apenas visíveis aos olhos de quem se socorreu de óculos adequados. Uma das muitas interpretações possíveis de «They Live» é a de consistir num alerta para a força manipulativa dos recursos publicitários das grandes companhias actuais. E sabe-se lá porque motivo, «They Live» foi mal aceite. Uma injustiça para com a obra.

Vem John Carpenter a propósito de «Body Bags», um filme realizado para televisão, que consiste em três esplêndidas histórias macabras. Não só Carpenter faz de actor, encarregue de apresentar cada um dos episódios, como realiza os dois primeiros contos.

A terceira história de «Body Bags» é realizada por Tobe Hooper, outro mestre nesta categoria, elevado a famosíssimo desde «The Texas Chainsaw Massacre» (1974), filme orçamentado na ordem das centenas de milhar de dólar... e que viria a render para lá de 3 milhões dos referidos!

2.

«Body Bags» foi produzido para a *Showtime*, uma empresa de televisão por cabo.

«Body Bags» são 3 histórias: «Gas Station», «Hair» e «Eye», todas - asseguro! - de nomes muito adequados.

«Gas Station» relata uma noite de uma estudante de psicologia, trabalhando em *part-time* numa bomba de gasolina. Para seu azar extremo, logo na sua primeira noite de labuta as coisas não vão correr pelo melhor. É que a região vive dias negros, incapaz de lidar com um maníaco que se entretém assassinando raparigas...

Sem adiantar mais em relação ao enredo, resta-me louvar a excelência do ambiente «suspense» que Carpenter consegue, recorrendo a não mais do que três personagens relevantes. Eu que sou francamente (e infelizmente) insensível (tal o hábito) aos sustos que geralmente se ambicionam despoletar nos espectadores, desta vez «abanei» em mais do que uma ocasião, o que me deixou imensamente satisfeito e risonho.

Um som cristalino e uma orquestragem plena de eficácia, elevam «Gas Station» a algo de muito especial. Som e imagem estão de tal modo integrados e focados no mesmo propósito, que é muito difícil resistir à (nossa) imersão no (pequeno) universo retratado.

«Gas Station», com Robert Carradine e David Naughton, é também o único episódio de «Body Bags» sem qualquer comicidade, em rigorosa simetria com a outra história de Carpenter: «Hair».

Em «Hair», Stacy Keach é da opinião que a calvície que começa a afectá-lo, terá efeitos imediatos na sua virilidade e poder atractivo em elementos do sexo oposto. Depois de experimentar todos os artigos que encontra publicitados como solução para o seu drama, atreve-se a visitar certo especialista que lhe garante os resultados... da noite para o dia.

Dito e feito! Em poucas horas, «o nosso herói» está transformado em algo de semelhante ao vocalista dos Bon Jovi ou a Michael blarrgh! Bolton. O seu sucesso sexual é imediato, ainda que a parceira seja a que sempre lhe jurou da irrelevância de mais ou menos cabelo. Parece(-lhe) um sonho, mas é um pesadelo. Porquê?- Bem, isso não seria ético denunciar, porque corresponde precisamente ao final da história.

«Hair» é uma comédia surpreendente!

«Eye» é o episódio que Tobe Hooper assina, correspondendo mais ou menos a um compromisso entre o «suspense» sólido de «Gas Station» e o humor incómodo de «Hair».

Desta feita as coisas correm mal a Mark Hamill (Luke Skywalker em «Star Wars»!), que no preciso instante em que a sua carreira de jogador profissional de *baseball* se aproximava de um contracto milionário, tem um acidente de automóvel em que perde a vista esquerda.

Por incrível que pareça, nem tudo está perdido: há um olho (fresquinho) disponível para fazer de substituto, desde que o pioneirismo da intervenção cirúrgica seja bem sucedido. E será. Outra coisa é que não...

3.

«Body Bags» é uma colectânea de três tele-episódios oscilantes entre o «suspense» extremo e o cómico macabro. O conjunto é bastante «desintoxicante» e agradável, provando que há ocasiões em que não faz sentido esperar qualidade menos boa de trabalhos concebidos propositadamente para televisão.

Numa perspectiva estrita ao desempenho AV (Áudio-Vídeo), esta edição LaserDisc faz-se acompanhar de excelente imagem, ao nível do melhor absoluto que já vi. O som, mesmo não se prestando a exibições de «surround», está fabuloso, com uma dinâmica e desafogo extraordinários, muito contribuindo para os «sustos» que me aconteceram, principalmente em «Gas Station».

O valor de colecção desta edição LaserDisc de «Body Bags» só é elevado pela extrema qualidade do registo, já que se tratando de material concebido para TV, é óbvio que abundam as cópias vídeo (nos EUA).

4.

«Body Bags», EUA, 1993.

«Gas Station» e «Hair» realizadas por John Carpenter.

«Eye» realizada por Tobe Hooper.

«Gas Station» com Robert Carradine e David Naughton.

«Hair» com Stacy Keach e Debbie Harry.

«Eye» com Mark Hamill.

Todos os episódios produzidos por John Carpenter, Sandy King e Dan Angel.

Música de John Carpenter e Jim Lang.

Argumentos de Billy Brown e Dan Angel.